

## Painel 4: O Atlântico Sefardita — Do exílio à infraestrutura

### "Redes de família e fé"

Muito antes de 1776, os judeus sefarditas já haviam construído redes que ligavam a Europa, o Norte da África, o mundo otomano, o Caribe, o Brasil, Londres e a América do Norte. Sua história ilumina como o comércio, a comunicação e a confiança funcionavam no mundo atlântico do início da era moderna. A frase "do exílio à infraestrutura" captura uma verdade histórica central: a dispersão forçada dos judeus sefarditas após a expulsão da Espanha em 1492 e as conversões forçadas em Portugal em 1497 não acabou com a vida sefardita. Pelo contrário, produziu uma diáspora de grande alcance cujos membros se tornaram intermediários essenciais no comércio, na informação e na migração. No século XVIII, essas redes haviam se tornado parte da infraestrutura material e relacional que sustentava impérios, economias e, eventualmente, revoluções.

A diáspora sefardita emergiu do trauma, mas produziu comunidades de excepcional adaptabilidade. Judeus expulsos e seus descendentes estabeleceram-se por todo o mundo atlântico e mediterrâneo, em Amsterdã, Londres, Livorno, no Caribe e no Brasil, tornando-se mercadores, corretores, tradutores e especialistas técnicos. Seu valor derivava em grande parte de sua capacidade de operar através das fronteiras de língua, religião e império. Em um mundo onde o comércio de longa distância dependia de relacionamentos em vez de imposição institucional, os mercadores sefarditas ocupavam uma posição distinta. O sucesso comercial sefardita baseava-se não apenas na solidariedade étnica, mas na confiança, na reputação e na construção de laços confiáveis através da distância e da diferença cultural. O parentesco e a língua eram essenciais para a manutenção dessas redes. As transações comerciais eram conduzidas por meio de laços familiares estendidos, obrigações comunitárias compartilhadas e cartas transportadas através dos oceanos. A aplicação legal era difícil entre jurisdições imperiais, de modo que a confiança se tornou uma forma de infraestrutura por si só. A frase do painel A palavra é contrato expressa com precisão a lógica operacional deste sistema.

Essas redes alcançaram a América do Norte colonial em meados do século XVII. A chegada de refugiados sefarditas a Nova Amsterdã em 1654 marcou um momento fundacional na história da vida judaica no que se tornou os Estados Unidos. As primeiras comunidades judaicas na América do Norte britânica estavam profundamente conectadas ao comércio atlântico e moldadas pela migração de ambientes holandeses, britânicos, ibéricos e caribenhos. Newport, Rhode Island, oferece um dos exemplos mais claros da proeminência comercial sefardita no período colonial. Aaron Lopez (1731-1782) elevou-se para se tornar um dos mercadores mais bem-sucedidos da América do Norte britânica, com suas atividades conectando Newport ao Caribe, à Europa e a outros portos coloniais. Contudo, sua proeminência comercial não se traduziu em plena inclusão cívica. Em 1762, Lopez teve sua naturalização negada em Rhode Island sob a alegação de que era judeu e, portanto, inelegível sob a estrutura cristã predominante de filiação política. Seu caso revela a tensão central da vida sefardita na América colonial: a utilidade econômica não garantia o pertencimento político. Jacob Rodriguez Rivera (1717-1789), outra figura de Newport, introduziu a manufatura de velas de espermacete nas colônias, ligando a indústria local ao comércio atlântico mais amplo e demonstrando que as contribuições sefarditas se estendiam à produção e à inovação, bem como ao comércio.

A observação do painel de que as revoluções exigem crédito, os exércitos exigem suprimentos e a diplomacia exige comunicação descreve os fundamentos materiais da mudança política com precisão. A transformação política não é sustentada apenas por ideais; ela depende de mercadores, rotas de navegação, credores, fornecedores, tradutores e correspondentes. As redes sefarditas atlânticas não foram a causa única do sucesso revolucionário, mas formaram parte do mundo comercial mais amplo que tornou a transformação política logisticamente possível. A frase em ladino *Redes de famiya i fe* (redes de família e fé) captura o significado mais profundo do Atlântico sefardita. Essas redes preservaram a identidade comunitária ao mesmo tempo que permitiram a mobilidade e o intercâmbio, conectando o exílio à oportunidade, o deslocamento à resiliência e a confiança privada à vida econômica pública. Muito antes de 1776, os mercadores e as famílias sefarditas haviam criado sistemas de comunicação, crédito e comércio que cruzavam oceanos, demonstrando que a infraestrutura é construída não apenas de estradas, portos e mercadorias, mas de memória, língua, parentesco e confiança.